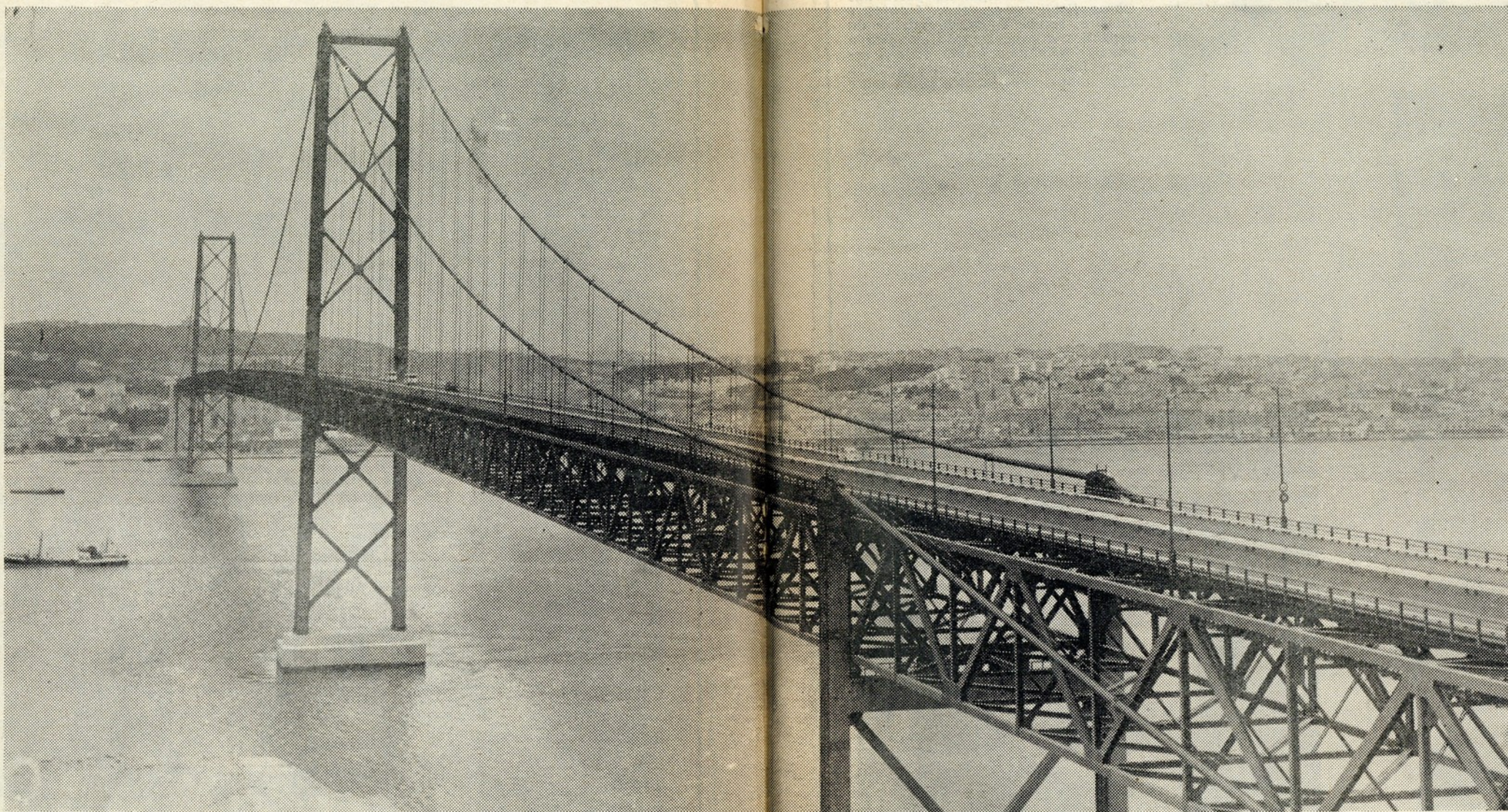


COM A PONTE LISBOA GANHA NOVA FISIONOMIA



Na manhã dourada de luz, as águas do Tejo tingiam-se dos reflexos azulados de um céu sem nuvens, límpido e brilhante. Alçada, de margem a margem, a silhueta da ponte, unindo, num amplexo, o passado e o presente e projectando, no futuro as esperanças e os anseios dos homens de hoje.

Dos técnicos que a estudaram, a projectaram e lhe deram realização; dos administradores que a viabilizaram; do povo que a desejou, e a torna possível, porque dos seus braços operosos e diligentes, do seu esforço quotidiano, da sua abnegação e sacrifício escorre a seiva vivificadora de tudo quanto é nacional—de quanto se ergue e consolida, a bem da Nação.

Abraco histórico, emocionante. Não tanto por unir à capital a mar-

terras do Sul; mas por poder simbolizar o estreitamento, a comunhão dos homens de uma mesma geração—num mesmo ideal da fraterna convivência, à volta de uma notável realização nacional.

As águas calmas do rio, aqui e ali eriçadas pela passagem de uma qualquer embarcação, eram como um espelho reflectindo tons de anil, desde as distâncias, a montanha, até à foz—lá onde se confundem com o oceano. Estrada larga que a ponte agora transpõe cruzando, com um caminho novo que pode levar a destinos fecundos, os velhos caminhos da História de Portugal.

De festa se anunciava a manhã. Festivo ia ser o dia. Alegria dos portugueses—orgulhosos de si próprios e revendo-se no engrandecimento da